



Director literario:

Antonio de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

NARRATIVA SIMPLES

:: Por EUCLIDES DIAS ::
Desenhos de EDUARDO MALTA



ONCE... troava o canhão cruel e estupendo, arrasando vilas cidades, matando crianças, matando velhos trôpegos e indefezos; crepitavam metralhadoras; sibilavam balas e roncavam obuses!

Nos campos da batalha, no decorrer da luta, gritos roucos se ouviam; feridos, muitos feridos arrastavam-se de — v a g a r, esgazeando os olhos, contorcendo os lábios e a boca, procurando fugir ao tropel de massas humanas

que avançavam, ferozes, doidas, pisando, sem sentir, corpos desfazelados, peitos doridos, intestinos escuros que ainda palpitavam; lábios sequiosos exalavam baixinho orações sinceras, e murmuravam por entre o fragor dos combates; — Deus!... minha mãe!... meus filhos!...

Era horrível e, ao mesmo tempo, comovente tudo aquilo!

Corria o ano de 1917. Um dia...

Entre nós... numa linda e encantadora aldeia do distrito de Aveiro, murmuravam baixinho os córregos e os ribeiros; ciciavam com brandura as verdes folhas das árvores; as flores olhavam tristemente para o chão, e as fontes pareciam chorar...

Nada dir-se-ia alegre naquele dia; até o próprio sol estava mais carregado!

Aqui e ali, grupos de aldeões conversavam muito, murmurando a cada instante: — Coitados, coitados!... E vão-se embora os dois!.. Chegou, porém, a noite, calma e silenciosa — a lua fria começou a cortar mansamente o azul do Ceu recamado de estrelas. E tudo continuava tristonho — nem um cantar se ouvia nas ruas...

E que... partiam nessa noite para o teatro da guerra, dois irmãos que eram a admiração da pequena aldeia, o enlêvo das raparigas, o entusiasmo dos velhos e das crianças.

O pai deles, morrera há muito! Viviam com a mãe, uma santa velhinha a quem os árduos trabalhos da vida branquearam os cabelos negros e engelharam as faces, outrora lindas e rosadas.

Eram eles o amparo daquela santa que com tanto amor criou; eram eles a sua única alegria, o seu conforto, no triste inverno da vida.

Ainda lá se encontra a casa aonde eles moravam — uma casa branca envolta em trepadeiras, rodeada de jardins, jardins que a velhinha tratava com todo o cuidado.

No pátio conversavam naquela noite quasi todos os habitantes da aldeia, procurando distrair os dois rapazes que, com uma calma extraordinária, se punham a rir, dizendo quasi ao mesmo tempo:

— Vêem?!... nós estamos bem dispostos!... Nada



nos atemorisa... vamos cumprir um santo dever... segundo nos disse há pouco aquela velhinha linda, que é nossa mãe!...

E apontando para a velhinha que estava sentada ali perto, a sorrir, a olhar para eles cheia de orgulho...

— Querida mãe, querida mãe, vou dar-te mais um abraço... dizia um deles correndo para ela.

(Continua na página 8)



CUPIDO AÇOITADO

DO

MARIA LUISA B. PACHECO

desenhos de E. M.



ERA uma tarde, no Olimpo, riden-
te esplendorosa.
Apolo guiava o seu carro
triunfalmente, iluminando a
Terra e doirando as nuvens.
Viam-se as habitações dos deus
tôdas de ouro, e, como um
véu onde tivessem pregado bri-
lhantes de tamanho desigual-
vel, as estrelas, ofuscadas pelo
sol, recamavam a gaze do céu.
Viam-se ninfas, umas com
ânforas cheias de água pura,
outras com restos de flores. E,
muito vagaroso, o arco a arrastar, aborrecidíssimo com a sua
vida, aparece Cupido, que se senta numa nuvem mais ele-
vada.

Arrepelando os caracões, pôs-se a murmurar:

— Estou furioso!...

Como sabem, o deus do Amôr era formosíssimo;
Um menino de oito anos, ideal como o próprio senti-
mento do amôr, que passamos a vida a procurar.

Seu corpo, gordinho e perfeito, tinha umas asas bran-
cas nas costas. Da cinta pendia-lhe a aljava com as flechas.

No seu rosto, oval e rosado, brilhavam uns olhos azues
claros, agora duma côr carregada. A bôca que se lhe abria
quasi sempre num sorriso malicioso, principalmente quando
êle disparava alguma flecha direita a algum coração incau-
to, estava de beijo estendido, vermelho como um morango.

— Ora, mas esta! continuava Cupido. — Porque será
isto?! As minhas setas já não produzem os mesmos efeitos
que dantes produziam.

— Firo os mortais, e êles nada!

Antigamente aos deuses e aos habitantes da Terra, fazia-os
andar numa dobadura. Ao Jupiter olimpico tornelo-o ma-
luco, não sei quantas vezes.

O pobre homem que não queria que eu vivesse, trans-
formou-se em cisne, em chuva de ouro, em touro em sá-
tiro, e não sei que mais, tudo para conquistar suas ama-
das. Arreliei Juno o mais que pude a ponto de êle ter que
pendurar a consorte entre o céu e a terra com uma cadeia
de ouro.

A própria Diana altiva, quasi fera, fi-la prevaricar. E
puz Hercules invencível a fiar numa roca aos pés de Ofale.

— Ora tendo eu feito isto tudo e muito mais, agora nada
consigo.

Divertia-me tanto em fazer partidas à humanidade! Ela
e os deuses na minha pequena mão...

Deus do mundo, com divindades a meus pés, a chora-
rem, a suplicar.

Diabo de cama esta, que não sei o que isto é! A minha
vontade era...

E juntando a execução ao desejo, Cupido partiu o arco
e as setas que lhe restavam. Em seguida começou a bater
com os pés nas nuvens, as mãos na cabeça, com um ataque
de birra.

Atraídos por aquele choro raivoso, vários moradores do
Olimpo se aproximaram do pequeno endiabrado. Então senti-
tu alguém tocar-lhe no ombro. Voltou-se mal encarado:
Era o Destino.

— Porque choras? perguntou êle. Tinha uma aparência
severa e forte.

Numa mão segurava um cofre cheio de sinas, e a outra
um livro que os deuses consultavam, sem que pudessem
transformar cousa alguma. Cupido voltou a cara, responden-
do rabugento: — Porque tenho vontade...

O Destino abanou a cabeça encanecida, e, quasi sor-
rindo, disse:

— Hás-de ser sempre o mesmo ente incompreensível e
caprichoso.

Desde que nasceste, luto contigo, tu criança, eu um
velho; e sempre nas suas débeis mãos me sinto enleado.

Todos os deuses estão sujeitos ao meu poder, só tu com
as tuas garotices, outras vezes com as minhas distrações, fa-
zes cada trapalhada no meu escriptorio das sinas, que por mais
ridente destino que eu dê a qualquer ente, tu logo lhe despe-
daças o coração.

As vezes eu e outros deuses, conseguimos desvanecer
os efeitos das tuas diabruras... Nisto, o Amôr olhou-o de
novo encolerizado e berrou:

— Pois por causa de vocês todos é que eu estou para
aqui feito inútil.

Olhe: demais não quero suas consolações: pois tem
ajudado a minha decadência.

Afastou-se o Destino vagarosamente e outra mão tocou
no Cupido.

Voltando-se êle para vêr quem tal fazia, logo disse:

— Ai, cá vem êste!

Era o Tempo, um velho de grande foice, e com uma ampulheta. Preguntou também: — Porque choras?

— Olha que não é por ti, descança, retorquiu Cupido.

— Criança! Pois por quem choras tu se não pelo tempo que passou? Por esse tempo em que vergavas tudo à tua vontade...

Mas lembra-te que a minha foice tudo destroi, a minha ampulheta tudo faz passar velozmente. Quantas paixões tenho destruído! O esquecimento a que as reduzo!

Não há mal que resista a esta simples foice.

Sou por assim dizer o lenitivo das dores da alma.

Assim como faço florescer as flores na primavera, faço crescer nas almas a Esperança. O que te aflige agora também hei-de destruir.

Mas filho não abuses do teu poder...

— Todos me dizem a mesma cousa. Que massada!

E cupido, escondendo a cara nas mãos, num arremedo murmurou; — Não quero nada contigo também! Ainda és pior do que os outros.

Afastou-se o tempo e nova mão se fez sentir. Cupido voltou-se desesperado — Não me deixam hoje?! Tinha Minerva a seu lado de capacete e couraça, serena e bela. — Porque choras? inquiriu também.

Cupido virou-lhe as costas. Era demais! Só lhe faltava a Sabedoria com a sua ciência e as suas sentenças...

Minerva tornou; — Estamos todos alvoroçados com o teu desespero. Que queres?

— Quero que me deixem!

— Que te deixem?! Na tua idade são precisos todos os cuidados. Teu raciocínio está perturbado. Aprende a moderar-te e verás que readquirirás a noção do teu valor e do que deves fazer. Se não fôsse eu, o que seria muitas vezes dos que tu feres?

— Tu com o teu juízo todo, lembra Cupido, tens feito boas cousas. Aquela acção à pobre Aradne lá porque bordava melhor que tu, foi uma cousa bonita. Anda a pobre feita aranha por compensação de Júpiter que teve pena do que ela sofreu. Mas, ainda assim, foi esplêndida a compensação...

— Tu és um malcriado insupportável. Mentiroso! O que eu faço é sempre pelo caminho do dever. Como deusa da sabedoria não posso admitir que me suplantem.

— Ai credo! Na terra os mais sábios também às vezes padecem desse ares, alguns não acreditam no amor. Tenho-lhes feito cada partida!

E quando eles me querem compreender, definir?!

Houve um que disse que o mal (para eles,) que eu transmito, era pegado pelo cabelo. Em seguida escreveu: — As mulheres preferem os carecas.

— Mas que linguagem! exclama Minerva. — O que tu merecias... e fez um gesto ameaçador com a mão.

— Olha é melhor que vás coser as meias!

Minerva afastou-se, indignada. Cupido sentiu novamente outra mão tocá-lo, mas gelada.

Não fez caso. A Morte sorria-lhe com o seu riso eterno na caveira amarelenta. Os ossos do seu esqueleto rangiam. Cobria-a um manto alvíssimo. Ela interrogou-o: — Porque choras?

Impressionado por aquela voz fauhsosa e dissonante, Cupido voltou-se, e sentiu um arrepio parecido com o que se sente ao apanhar-se um susto. É que aquela menina, embora habituada a vêr-se no Olimpo, não era muito agradável assim perto, a fazer-se amável.

— Também tu aqui vens? diz-lhe Cupido já refeito da má impressão.

Tu és o maior inimigo que eu tenho.

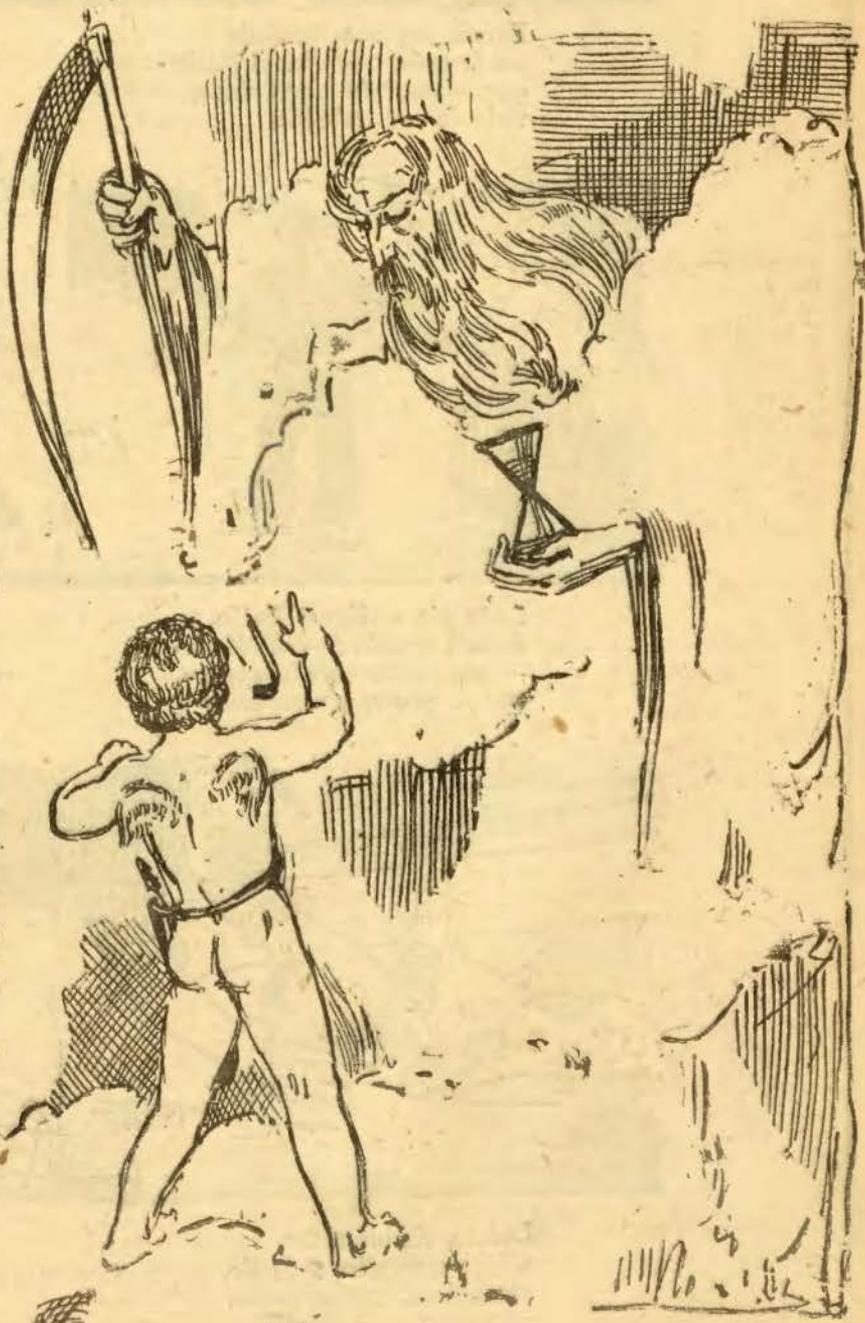
Ceifas às vezes corações que se amam, prestes a serem felizes com o seu mútuo afecto. Separas entes que se que-rem ardentemente... Não quero nada contigo!

A Morte respondeu impertubavel: — Todos somos joguetes do Destino! Ele manda que eu esmague uma vida, eu obedeco. Matando, muitas vezes, faço feliz uma alma.

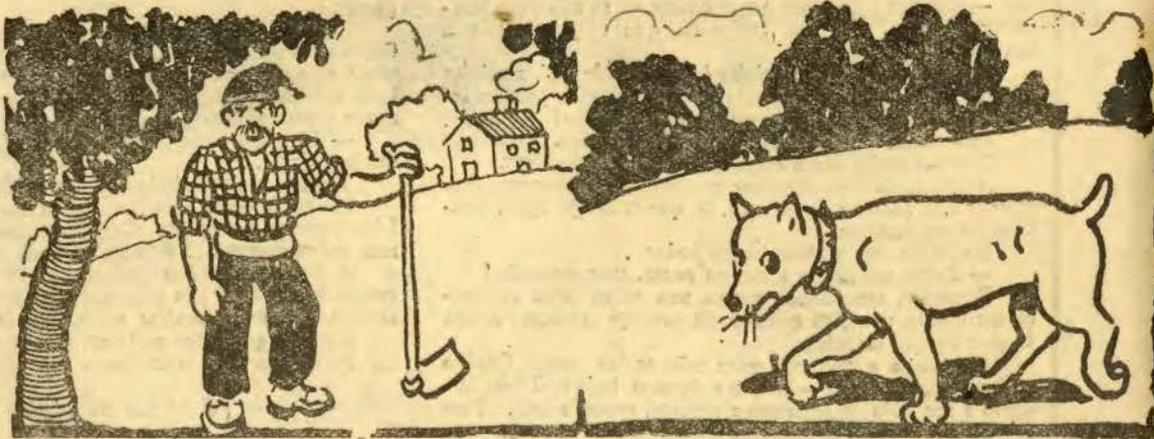
Aquelas que fazes padecer, chamam por mim:

Não é um bem fazer-lhes a vontade?!

(Continua na página 6)



“TI” MANEL



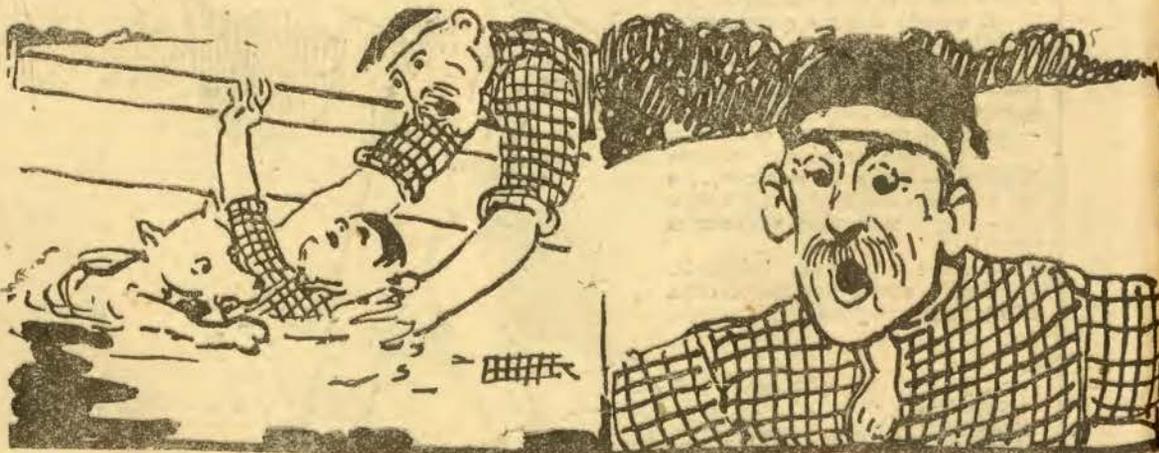
Existia em certa herdade um lavrador: — «Manel Malho» que, apesar da longa idade, vivia do seu trabalho.

«Ti Manel» tinha um cachorro que se chamava «Ladino» e embora também velhinho, ainda era sagaz e fino.



Certo dia o «Manel Malho, disse à mulher: — «Ti Maria» — vou matar este paspalho, que já não tem serventia!

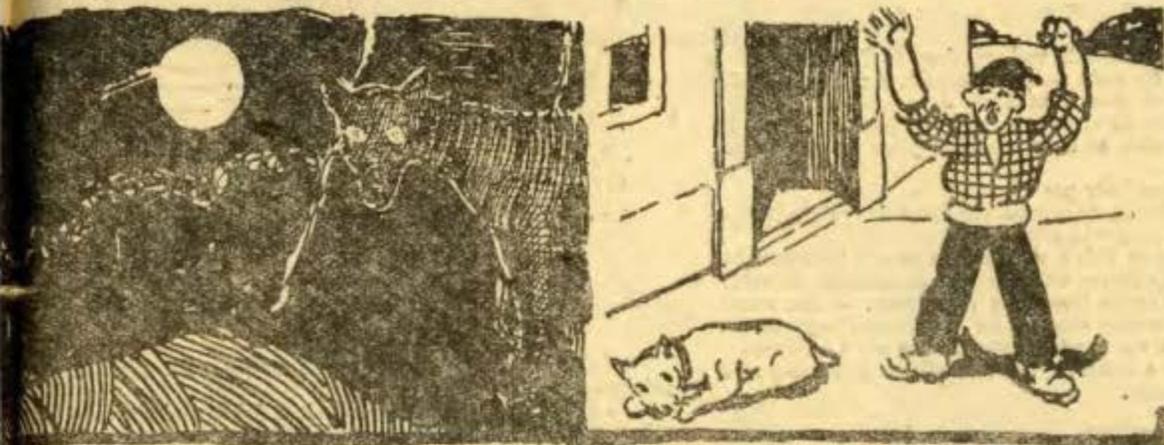
Ao ver uma arma de fogo, nas mãos do dono, o animal deu «às de vila Diogo» fugindo para o quintal.



Ladino, rapidamente, n'água mergulha após ele, salvando-o, precisamente, ao chegar o «Ti Manel»,

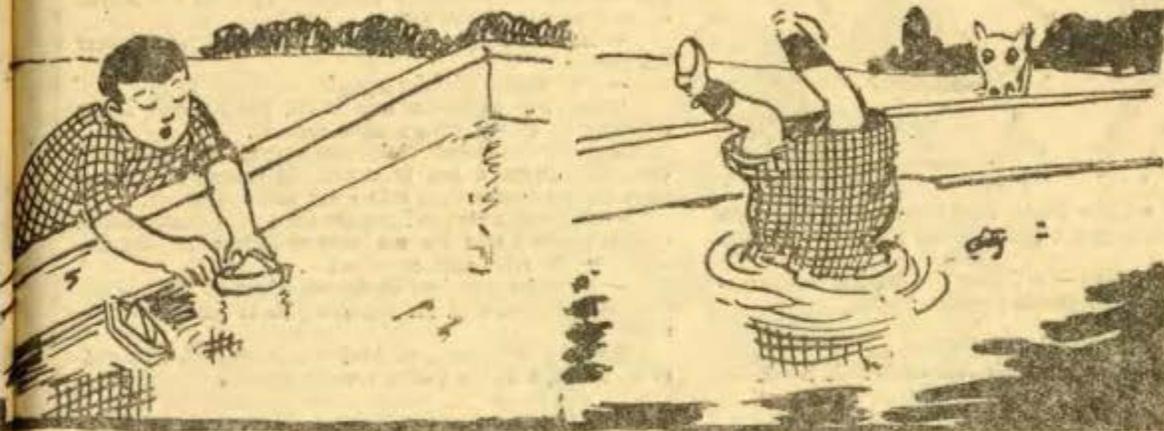
que, com a espingarda ao ombro, ia quasi a pô-la à cara, quando notou com assombro, que ele o netinho salvara!

E "LADINO"



Num monte, atrás dum valado,
andava um lobo matreiro,
que, ao descer ao povoado,
matava muito carneiro.

Pragas rogando ao Destino,
«Manel», vendo-o desdentado,
já nem mandava o «Ladino»
ao monte guardar o gado!



Para o quintal onde estava
um neto do «Ti'Manel»,
que, sôbre um tanque brincava
com barquinhos de papel.

Nisto, o pequeno que faz
um grande alvoroço e bulha,
debruça-se um pouco e... zás,
dentro do tanque mergulha.



Beijando muito o menino,
o «Ti'Manel», entre os dois,
afaga, agora, o «Ladino»
dizendo com os seus botões:

— Deus me perdõe! Afinal,
embora com muita idade,
na Vida tqdo o mortal
pode ter utilidade!

Cupido açoitado

(Conclusão da página 2)

Eu sou o instrumento mais precioso do Destino. Sem mim, êle nada poderia destruir, e a humanidade aumentando sem cessar, acabaria devorando-se. Ela não conheceria o gôso de viver se eu não existisse. Se brinco, às vezes, com as vidas, na terra a própria gente diverte-se com o mal alheio.

— Que posso fazer por ti?

Os deuses tôdos, eu mesmo que sou a destruição, temos um certo fraco... por ti, criança.

— Pois podem tê-lo à vontade que eu não correspondo.

Afastou-se a Morte, rindo sempre da comédia da vida.

Colérico, Cupido ficou-se a resmungar: — Que mania esta de me chamarem criança! Se eu quizesse, pagavam-me tudo... E outra vez se pôs a bater com os pés e a chorar.

Duas mãos o tocaram. Êle não olhou. Rodeavam-no a Riqueza e o Ciume.



A Riqueza, o velho Pluto, com a sua cornucópia cheia de moedas de ouro, que espalha à tãa, sem saber a quem nem aonde.

Cego e côxo., Juno — o Ciume alto e forte; beleza magestosa. Fizeram a costumada pergunta:

— Porque choras?

— Cupido esbracejando: — Deixem-me!

— Disseram-me que o Amôr está doido! diz Pluto.



Cupido encarando-o, e reparando em quem lhe dava tal informação:

— Doido será êle! Você que anda a deitar dinheiro sem saber o que faz, tem então muito juizo?...

Demais também nada quero contigo; prejudicas-me imenso. Na terra todos se curvam diante daqueles que apanham as tuas moeda s.

Amam-te a ti, velho tonto!

— Cala-te! Tu não estás bom, grita Juno.

— Estou bom, muito obrigado. Também dispenso os teus cuidados. Se aumentas em certas ocasiões um affecto, és, noutras, o seu destruidor.

— Se me ameaças nêsse tom, volve Juno, vou chamar tua mãe.

— Oh! chama também o papá;

Irado Juno afastou-se com Pluto. Dai a pouco, Venus estava ao pé de seu filho sempre amuado.

A Rainha da Beleza vinha com uma túnica azul que ficava muito bem à sua brancura. Na cintura trazia o famoso cinto que encerrava todo o seu poder atractivo.

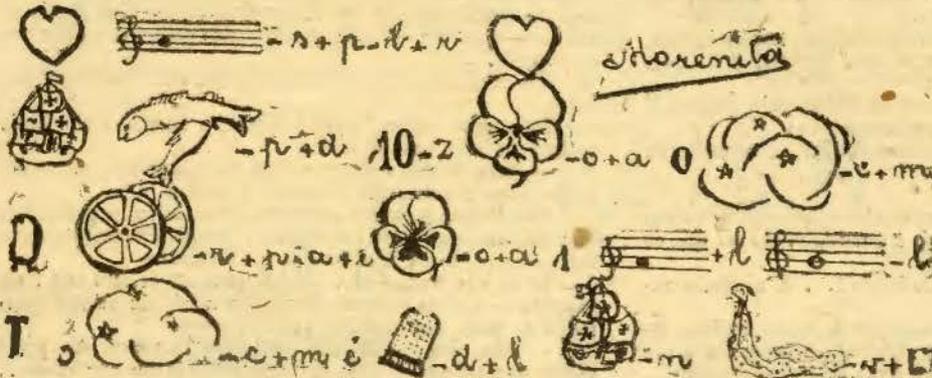
— Que vem a ser isto? inquire ela de semblante severo. Cupido ao vêr a mãe fica um tanto abalado, mas teima birrento. — não estou para conversas...

— Ah estamos assim? Os deuses olham-se scandalizados contigo; porém há um remédio para te tirâr a indisposição.

Dizendo isto, agarra no Amôr que se debatia num chôro de berros, e dá-lhe quatro sonoros açoites.



HORA DO RECREIO



ENIGMA
PITORESCO
POR
MORENITA

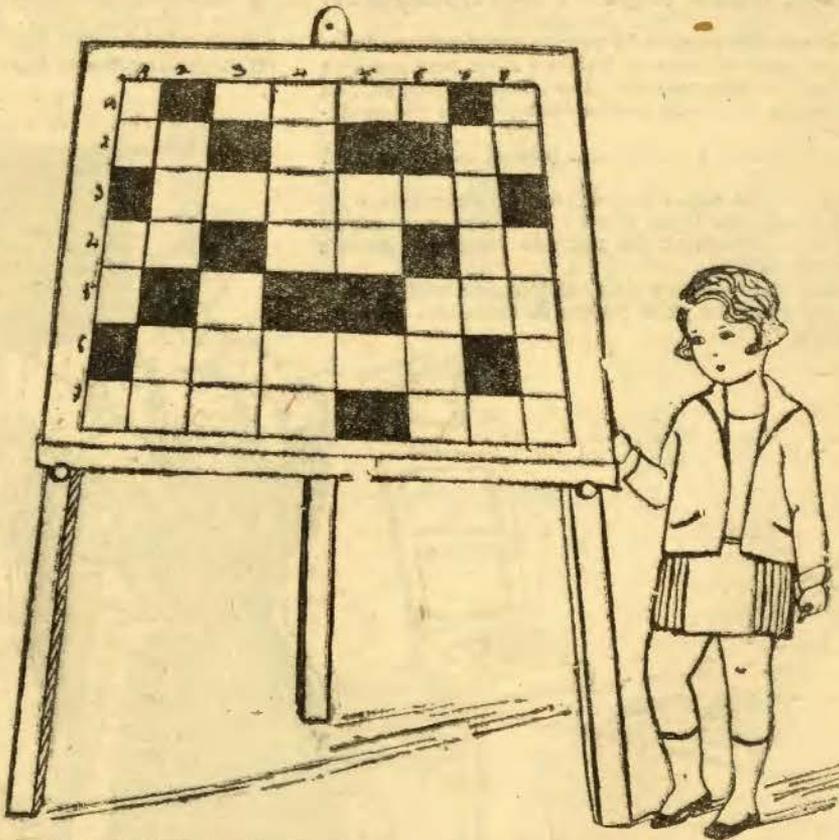
PALAVRAS CRUZADAS

HORISONTALMENTE

- 1 — Consoante, pronome demonstrativo e consoante.
- 2 — Pronome pessoal, vogal e nota de musica.
- 3 — pessoa nova.
- 4 — Ruim, o que enche o espaço e verbo alegre.
- 5 — vogal, vogal e excelente.
- 6 — Que anda na Escola e consoante.
- 7 — Teem os passarinhos e verbo que se ouve.

VERTICALMENTE

- 1 — Uma virtude teologal, pronome pessoal e vogal.
- 2 — Artigo e carta de jogar.
- 3 — Vogal, vogal e filar.
- 4 — Carta e vogal no plural.
- 5 — Consoante, verbo caminhar e consoante.
- 6 — vogal, consoante e meia em francês.
- 7 — Que há pouco evogal.
- 8 — Catedral e embarcação simples



R	H	I	Z	O	G	R	A	P	H	I	A	V	A	G	A	D	O	P	R		
N	E	U	R	A	S	T	H	E	N	I	A	A	B	A	L	O	F	A	D	O	A
R	I	A	L	S	D	I	G	I	T	I	G	R	A	D	O	N	O	U	M		
R	L	B	O	R	R	A	C	H	E	I	R	A	D	A. Gonçalves							
A	L	I	E	A	R	I	P	O													

SOLUÇÃO DO NÚMERO
ANTERIOR
TAINHA

NARRATIVA SIMPLES

(Conclusão da página 1)

— Vêlhinha, deixa-me beijar-te êstes cabelos brancos... murmurava o outro.

A vêlhinha sentia-se feliz — levantou-se, beijou-os, e disse-lhes ao ouvido: — vocês hão-de vir um heróis!

Chegou a hora da partida — abraços affectuosos, lágrimas, choros, ternos apertos de mão, olhares carinhosos que que se encontram...

E a caminho da estação mais próxima, lá foram os dois pela estrada fora, deixando, então, escapar duas lágrimas de desabafo, enquanto lenços brancos tremulavam à brisa fresca da manhã que se aproximava.

E à frente daquela multidão, daquele acenar de lenços, a vêlhinha, pálida, espectral, sem uma lágrima, grita bem alto num gesto heroico e calmo:

— Vêde, vêde como eu troco os filhos pela Pátria! E elevando os olhos para o além, acrescentava:

— Senhor, meu Deus, trazei-mos felizes... coroados de loiros...

Meses passaram — a guerra acabara. Já muitos soldados tinham voltado ao seio terno e quentinho do lar que os anciava.

Só os dois não tinham vindo ainda!... E ninguém sabia onde êles paravam.

A mãe, contudo, não estava inquieta, antes, andava satisfeita e quasi sempre a rir. Se alguém lhe perguntava por êles, ela só tinha uma resposta: Deus há-de trazer-mos... hão-de vir na noite de Natal.

Quem a ouvia assim falar, julgava-a louca, e murmurava: — Pobre dela, coitada!... A dôr endoideceu-a...

E a noite de Natal chegou — a noite de Natal do ano de 1918.

A vêlhinha fez a ceia e foi vestir a sua roupa melhor — depois veio sentar-se perto da lareira e disse para consigo: — Estão quasi a chegar os meus filhos, Deus não engana... eu pedi-lhe; tenho fé... não podem demorar, não podem demorar muito...

E levantava-se, e punha-se a passear com o ouvido à escuta.

Nisto bateram dôze badaladas no sino da ermida.

— É agora, meu Deus, não é?.. São os meus filhos, não são?!... exclamava ela, correndo como uma doida a abrir a porta da rua.

E assim foi — diante dela, apareceram os filhos, de braços abertos, com o peito coberto de medalhas.

Abraçou-os a chorar e a rir, ao mesmo tempo, que dizia carinhosamente:

— Os meus meninos... os meus queridos meninos!...

Ah? Deus não me enganava, eu tinha fé, tinha fé...

Venham, venham; a ceia está pronta e está quentinha... Vamos cejar...

E lá os levou pela mão.

A ceia correu animada — falaram sobre coisas de guerra, sobre os combates, sobre as trincheiras, sobre os soldados; a vêlhinha estava sentada entre os dois, e êles não se fartavam de a acariciar, de lhe beijar os cabelos, e de lhe murmurar ao ouvido: — Vêlhinha, querida mãe, estás cada vez mais nova...

Ela limitava-se a rir, olhando, ora para um, ora para outro...

Estiveram assim, tempo esquecido. Já era muito tarde — tinham batido cinco horas.

— Meus filhos, vocês precisam de descansar, vêm fatigados — as camas estão prontas... podem ir...

Ah! Esperem, quero pedir-vos uma coisa — pedir-vos, que tenham sempre fé em Deus... porque êle ampara, protege, socorre, todos aqueles que o acreditam.

Se eu não tivesse fé... já há bastante tempo que teria morrido — eu era incapaz de resistir à dôr de os ver apartados de mim, sem receber notícias vossas...

— Mas, minha mãe, não podemos escrever, estivemos muito doentes nêstes últimos meses, como já lhe contamos...

— Eu sei, queridos filhos, eu sei — mas o que eu queria dizer-vos, é que tinha fé, tinha esperança em Deus... e ria-me quando os outros os julgavam mortos...

Vão agora, meus filhos, vão-se deitar... boa noite.

— Boa noite, mãe... disseram êles, beijando na fronte a santa vêlhinha que, depois de os ver partir, se pôs a chorar, a chorar copiosas lágrimas de alegria...

F I M

